



**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**

**Cinemateca Júnior**

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

## **LE PEUPLE MIGRATEUR / 2001** **(Aves Migratórias)**

Um filme de **Jacques Perrin, Jacques Cluzaud, Michel Debats**

**Realização:** Jacques Perrin, Jacques Cluzaud, Michel Debats / **Argumento:** Jacques Perrin, Stéphane Durand (a partir de uma ideia de Valentine Perrin) / **Fotografia:** Thierry Machado, Dominique Gentil, Philippe Garguil, Laurent Charbonnier / **Montagem:** Marie-Josèphe Yoyotte / **Música original:** Bruno Coulais / **Som:** Philippe Barbeau, Denis Guilhem / **Interpretação:** Jacques Perrin (voz).

**Produção:** Jacques Perrin para Galatée Films, Bac Films / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, legendada em português / **Duração:** 98 minutos / **Estreia mundial:** Bélgica, França, a 12 de dezembro de 2001 / **Estreia em Portugal:** 31 de maio de 2002.



A figura de Jacques Perrin é conhecida dos espectadores de cinema sobretudo pelo papel que desempenhou no filme CINEMA PARAÍSO, o de Salvatore (ou Totó) depois de adulto, que regressa à terra e ao cinema onde passou a infância, agora ele próprio um consagrado realizador. Perrin, que faleceu no início deste ano, aos 80 anos de idade, é um ator francês igualmente consagrado, com papéis importantes em dezenas de filmes (bem mais de uma centena, se contarmos com as obras para a televisão). Para além de ator Jacques Perrin foi também produtor de cinema, visto como corajoso pelos filmes que escolheu e se empenhou pessoalmente em ajudar a trazer ao mundo. Como ele próprio afirmou, quis ajudar a fazer aqueles filmes (de todos os géneros) que considerava não necessariamente “grandes filmes”, mas filmes “não inúteis”, filmes que gostaria de ver e que sem a sua intervenção provavelmente nunca seriam feitos (entrevista à France 2, em 1995, disponível on-line).

Jacques Perrin foi também alguém fascinado pela natureza e ativamente empenhado na sua proteção, e entre os filmes que produziu encontramos um notável conjunto de documentários centrados sobre a natureza, a

começar com LE PEUPLE SINGE (1989), de Gérard Vienne, que mostra a vida de um grupo de macacos e MICROCOSMOS: LE PEULE DE L' HERBE (1996), de Claude Nuridsany e Marie Pérennou, dedicado aos insetos e pequenas criaturas de um pedacinho de prado francês. Seguiu-se, em 2001, o filme que hoje mostramos, sobre as aves e as suas migrações, em que além de produtor é co-realizador, papéis que acumula também em OCÉANS (2009), sobre os habitantes dos oceanos (que mostraremos no sábado dia 16 deste mês), e finalmente LES SAISONS (2015), que acompanha a vida numa floresta ao longo das sucessivas estações do ano.

O documentário, e sobretudo o documentário sobre a natureza, esteve durante muito tempo ausente dos cinemas e confinado ao papel menor de ferramenta pedagógica ou entretenimento televisivo. No entanto em tempos mais recentes, filmes como os de Jacques Perrin (entre outros), voltaram aos ecrãs de cinema onde encontraram um considerável público. O que talvez não seja de estranhar num tempo em que nós, seres humanos, vivemos cada vez mais afastados do mundo “não humano”, de todas as espécies que partilham a existência conosco e dos elementos naturais e, para mais, crescentemente incomodados pela consciência de que o mundo “natural” está ameaçado de desaparecimento pelo nosso modo de vida.

Sobre o documentário “com valor cinematográfico” diz Perrin ser o “espetáculo por excelência (...) porque devemos estar fascinados pelo ambiente, pelas imagens, os sons, e a partir disso fazer a nossa própria narração, a nossa própria ficção interior” (entrevista de 1989, ainda a propósito de LE PEUPLE SINGE). Estes filmes pretendem ser, não a (impossível) representação da realidade mas a sua “transposição”, a criação de uma experiência de assombro partilhada entre quem faz o filme e quem o vê, nisso consistindo o seu valor como espetáculo.

A ideia de fazer este filme surgiu quando Valentine Perrin (mulher de Jacques Perrin) lhe mostrou um documentário autobiográfico do canadiano Bill Lishman (cuja experiência esteve na origem da história do filme VOANDO PARA CASA, que vamos mostrar no próximo sábado). “Adoptado” pelos seus gansos e utilizando um ultra-leve motorizado (ou “ULM”), Lishman conseguiu, pela primeira vez, cumprir o antigo sonho do homem de voar com os pássaros. Ao vê-lo, Perrin decidiu que “queria seguir diferentes espécies de pássaros que circulam pelo mundo, para nos lembrar que não estamos sozinhos neste planeta, que estamos no território de outros, que também têm o direito de viver” (entrevista à France Musique em 2001).

E para isso reuniu grandes meios (incluindo catorze ULM especiais, que para além do piloto transportavam o operador de câmara numa plataforma suspensa) e oito equipas de pilotos e operadores igualmente entusiastas que captaram centenas de horas de imagens e som durante três anos, em quarenta países do mundo. Para além disso criou, em condições “semi-selvagens”, um milhar de exemplares de 24 espécies diferentes de aves. Parte das imagens do filme foram obtidas com estes animais, habituados à proximidade dos homens e dos seus veículos voadores, outra parte (metade, diz-nos Perrin) são imagens de aves selvagens filmadas furtivamente com engenhosos equipamentos e muita paciência e dedicação.

Às imagens (e sons) escolhidas foi acrescentada uma narração mínima e algumas legendas com informação sobre as espécies e os seus percursos – mais uma vez, diz-nos Perrin, porque “o filme é como um sonho, não é suposto ser uma experiência de aprendizagem”. E a música, da autoria de Bruno Coulais (que também tinha sido autor da música de MICROCOSMOS), composta para se integrar a espaços com os sons das aves, e interpretada por alguns nomes conhecidos. A montagem acompanha a existência dramática das diversas espécies de aves migratórias, e consegue mesmo fazer-nos partilhar o seu “ponto de vista” sobre nós, já que para além das paisagens naturais estas atravessam paisagens humanas bem reconhecíveis, como as cidades de Paris e Nova Iorque, e têm diversos “encontros imediatos” com o universo dos humanos, uns amistosos outros ameaçadores.

Quem costuma vir à Cinemateca Júnior conhece o grande zootrópio com pássaros em voo, réplica do construído no século XIX por Marey, pioneiro da cronofotografia, inventor também da “espingarda fotográfica”, para quem a imagem era uma forma de investigar os segredos do voo. Mesmo se este filme, ao contrário das fotos de Marey, não pretende ser “experiência de aprendizagem”, não podemos deixar de imaginar o que sentiria ele se pudesse ver este filme?

Maria de Jesus Lopes